



Questões de agenda

Ana Loya Administradora da Ray Human Capital

Apesar de a Cimeira de Copenhaga estar mais direccionada para a sobrevivência do planeta (coisa de menos importância...) eu diria que a poderemos observar como se fosse um barómetro da viabilidade que existe para a resolução dos grandes problemas mundiais. Desta cimeira – não sou eu que o digo – não resultou nada!

Não me surpreende. Os seus membros são representantes dos países que mais contribuirão para o estado das coisas. Que continuam a ter os seus objectivos. Que continuam a querer pertencer ao grupo dos maiores.

Que esperar então dos acordos para as viabilizações das economias? Talvez em termos económicos estes acordos sejam mais exequíveis, dada a importância que os grandes decisores partilham em comum e que diz respeito à sua própria qualidade de vida no imediato. Por cá, também vamos tendo as nossas cimeiras. Claro que mais fechadas e procurando sempre contornar os principais problemas. Adoramos a nossa estratégia de avestruz que nos leva a ter de ouvir gente responsável comparar indicadores de crescimento de Portugal, de PIB e de desemprego, como referências absolutas, com outros países, como se fossem indicadores proporcionalmente

comparáveis! O pior é que é possível que esses responsáveis comecem a acreditar no que dizem e continuem a esquecer-se na sua agenda de questões ligadas à sobrevivência, não do planeta, mas dos Portugueses. O facto é que me parece que os problemas do desemprego, da produtividade, do ensino técnico inexistente não estão na ordem do dia. A agenda política contempla a discussão, não do sexo dos anjos, mas de outros temas que, segundo parece, são prioritários. Acabou 2009 e o mês de Janeiro de 2010 já vai a meio. Tenho a sensação, que está tudo na mesma. Na Ray, continuamos a receber diariamente *curricula* de pessoas que estão ou vão ficar desempregadas. O que é paradoxal nestes dias é que as pessoas já não gostam de responder a anúncios de recrutamento. E nem toda a gente quer trabalho. Muita gente quer emprego. Em termos absolutos, é legítimo. Em termos relativos, às vezes, por cá, não é possível. Acredito que, mesmo havendo alguma retoma económica que chegue a Portugal, o primeiro semestre a seguir a essa retoma ainda será de enorme dificuldade no sector da empregabilidade. Tenho alturas em que receio que, tal como o lince ibérico à beira da extinção, Portugal acabe por se tornar uma reserva sociológica digna de análise de qualquer Doutor das melhores universidades do mundo. Talvez daí possa sair uma solução para nós.